

SUPPLEMENTO AO NUMERO 25

DO

ESPECTRO.

LISBOA 20 DE FEVEREIRO.

O vapôr de guerra hespanhol *Blasco de Carai*, chegado hontem de Vigo, trouxe noticias importantes. As forças do ex-conde do Casal foram completamente derrotadas, e elle fugiu precipitadamente para Valença. Não sabemos os detalhes circumstanciados da acção — mas referiremos o que dizem pessoas que vieram no mesmo vapôr.

O barão do Almagem atacou a Ponte da Barca, o conde das Antas Ponte do Lima, aonde se achava o chefe dos rebeldes. Ambas as pontes foram immediatamente forçadas. Dizem uns que a força rebelde da Barca fôra perseguida pelo barão do Almagem até Melgaço, aonde entrára na Galliza, deixando em nosso poder 200 prisioneiros; e que a de Ponte do Lima fugira para Valença. Dizem outros que as duas forças se reuniram, e passaram em Melgaço para Galliza por não poderem entrar em Valença. Outros em fim melhor informados dizem que o governo recebera participações de Vigo nas quaes se diz que o Casal entrára em Valença inteiramente derrotado, e que levavam sómente 200 praças.

O conde das Antas depois de destroçar o inimigo cahiu sobre Vianna, aonde entrou depois de alguma resistencia, aprisionando 200 soldados, e o brigade *Vouga* que alli se achava fundeado.

Esta noticia lançou o desalento e a consternação nas fileiras ministeriaes: os cabralistas ficaram transidos. O governo não pôde negar a derrota; e tendo-nos dado ha dous dias a noticia do ex-Casal haver guarnecido o rio Lima, diz-nos hoje que se acha em Valença d'onde « sahirá depois que souber que o Minho « está pacifico, e depois que conhecer as operações das forças populares. . . Por isto inculca o governo que o seu caudilho estando em

Vianna fugira para Valença apenas soubera que o iam procurar, e já é tão fraco que em lugar de ir pacificar o Minho, declara que não sahe da *cova do lobo e poterna de Gaviarra* em quanto houver baralho cá por fóra.

O triunfo, que as armas leaes obtiveram, não nos surprehende porque contavamos com elle. Sabiamos que o assassino d'Agrella não vencia senão pela traição; mas nem todos se vendem como elle.

Dizem os cabralistas que as forças populares só esperavam a aproximação do ex-Casal para se passarem. Como aquelle cabecilha fugiu do Porto, fomo-lo nós procurar — faziamos gosto de lhe ir entregar aquellas tropas com que elle tanto contava, uas o fanfarrão não quiz esperar os cumprimentos dellas, e os que os esperaram, conheceram como era ardente o desejo de trocar o timbre dos homens livres pelo saio-te do escravo.

Limpo o Minho daquelle bando de salteadores fica só em campo o *perito* Saldanha. O velho Povoas nas Beiras picando-lhe a retaguarda, o conde de Mello no Alemtêjo com os seus *leaes* praticando prodigios de valor, o Algarve em massa fornecendo homens e dinheiro, o Porto — esse Sansão da liberdade — que por si só faria tremar o despotismo — quem poderá resistir a tantas forças reunidas?

As intrigas já vão roendo o ministerio. Uns empurram os outros. Agora queixam-se do Sousa Azevedo porque rouba tudo, porque assigna decretos por dinheiro, logo queixam-se do Saldanha que devora todos os recursos do paiz; e no entanto o agio das notas a subir, e as forças do Galamba passeando por Aldêa Gallega, e dando a lei no Alemtêjo em quanto o Shwalback não se atreve a sair de traz das muralhas que o defendem!

A patria vai ser livre. Felicitemo-nos com os bravos que a libertam.